

Catequese do Papa Francisco “Curar o Mundo”

*(Audiência Geral. Biblioteca do Palácio Apostólico.
Quarta-feira, 26 de agosto de 2020).*



A estrela má 2020... Ilustração: Fadi ToOn 020

Papa Francisco:

o vírus vem de uma economia doente

NA AUDIÊNCIA PÚBLICA DO DIA 26 DE AGOSTO DE 2020, como sempre às quartas feiras, o papa Francisco fez uma palestra orientadora – catequese - dirigida a todos os que estamos submetidos ao ataque do Covid-19. E colocou o dedo na ferida sem rodeios: **este vírus é consequência de uma economia doente**. E esta subsiste, devido à exploração das pessoas, à devastação da natureza, temas em que eu próprio venho insistindo, à revelia da maioria dos analistas dos meios de comunicação social sobre a origem do Covid-19. Consideram o vírus em si, como algo isolado a exterminar, sem analisarem o contexto em que se insere e os fatores que o causaram: o sistema de produção que investe sobre a natureza na busca de riqueza e criando, deste modo, injustiça ecológica e injustiça social planetária. É um sistema anti-vida. Ou acabamos com ele, ou ele acabará com a vida na Terra, inclusive com a espécie humana, como vários notáveis do mundo nos advertem, especialmente biólogos e ecologistas. Dada a clareza didática do discurso do papa, publicamo-lo aqui, por constituir uma análise muito acertada, e por suscitar em nós a esperança de podermos vir a criar uma relação amigável com a natureza e a Terra e, até, com todos, na justiça, na paz e no amor. *LBoff*

Catequese - “CURAR O MUNDO”:

4. O destino universal dos bens e a virtude da esperança

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Perante a **pandemia** e as suas consequências sociais, muitos correm o risco de perder a esperança. Neste tempo de incerteza e angústias, convido todos a aceitarem o dom da que vem de Cristo. É Ele que nos ajuda a navegar nas águas tumultuosas da doença, da morte e da injustiça, que não têm a última palavra sobre o nosso destino final.

A **pandemia** pôs em evidência e agravou os problemas sociais, especialmente a desigualdade. Alguns podem trabalhar de casa, enquanto para muitos outros isto é impossível. Algumas crianças, apesar das dificuldades, podem continuar a receber uma educação escolar, enquanto para muitas outras houve uma abrupta interrupção. Algumas nações poderosas podem **emitir moeda** para enfrentar a emergência,

enquanto que para outras isso significaria hipotecar o futuro.

Estes sintomas de desigualdade revelam uma doença social; é um **vírus** que provém de uma economia doente. Devemos simplesmente dizê-lo: **a economia está doente**.

Adoeceu. É o resultado de um crescimento económico iníqua - esta é a doença: o fruto de um crescimento económico injusto - que prescinde dos valores humanos fundamentais. No mundo de hoje, muito poucas pessoas ricas possuem mais do que o resto da humanidade.

Repito isto porque nos fará refletir: uns poucos riquíssimos, um pequeno grupo, possui mais que o resto da humanidade. Esta é mera estatística. É uma **injustiça** que clama aos céus!

Ao mesmo tempo, este **modelo económico** é indiferente aos danos infligidos à casa comum. Não cuida da casa comum. Estamos quase a superar muitos dos limites do nosso maravilhoso planeta, com consequências graves e irreversíveis: desde a perda de biodiversidade e **alterações climáticas** ao aumento do nível dos mares e à **destruição das florestas tropicais**. A desigualdade social e a degradação ambiental andam de mãos dadas e têm a mesma raiz (cf. Enc. Laudato si', 101): a do pecado de querer possuir, de querer dominar os irmãos e irmãs, de pretender possuir e dominar a natureza e o próprio Deus. Mas este não é o desígnio da criação.

«No princípio, Deus confiou a terra e os seus recursos à gestão comum da humanidade, para que dela cuidasse» (Catecismo da Igreja Católica, 2402).

Deus pediu-nos que dominássemos a terra em Seu nome (cf. Gn 1, 28), cultivando-a e cuidando dela como se fosse um jardim, o jardim de todos (cf. Gn 2, 15). «Enquanto **“cultivar”** quer dizer lavar ou trabalhar [...] **“guardar”** significa proteger..., preservar» (LS, 67). Mas atenção a não interpretar isto como uma carta branca para fazer da terra aquilo que se quer. Não. Existe «uma relação **responsável de reciprocidade**» (ibid.) entre nós e a natureza. Uma relação de reciprocidade responsável entre nós e a natureza. Recebemos da criação e damos por nossa vez. «Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger» (ibidem). Ambas as partes.

De facto, **a terra** «precede-nos e foi-nos dada» (ibid.), foi dada por Deus «a toda a humanidade» (CIC, 2402). E por isso é nosso dever assegurar que os seus frutos cheguem a **todos**, e não apenas a alguns. Este é um elemento-chave da nossa relação com os bens terrenos. Como recordaram os padres do **Concílio Vaticano II**, «quem usa desses bens, não deve considerar as coisas exteriores que legitimamente possui só como próprias, mas também como comuns, no sentido de que possam beneficiar não só a si mas também aos outros» (Const. past. Gaudium et spes, 69). De facto, «a propriedade dum bem faz do seu detentor um administrador da providência de Deus, com a obrigação de o fazer frutificar e de comunicar os seus benefícios aos outros» (CIC, 2404). Nós somos administradores

dos bens, não donos.

Administradores. “Sim, mas o bem é meu”. É verdade, é teu, mas para o administrares, não para o possuíres **egoisticamente**.

Para assegurar que o que possuímos seja um valor para a comunidade, «a **autoridade política** tem o direito e o dever de regular, em função do bem comum» (*ibid.*, 2406; [cf. *GS* 71; São João Paulo II, Carta enc. *Sollicitudo rei socialis*, 42; Carta enc. *Centesimus annus*, 40.48]).

A «subordinação da propriedade privada ao **destino universal dos bens** [...] é uma “regra de ouro” do comportamento social, e o primeiro princípio de toda a ordem ético-social» (*LS*, 93; [cf. São João Paulo II, Carta enc. *Laborem exercens*, 19]).

As propriedades, o dinheiro são instrumentos que podem servir para a missão. Mas transformamo-los facilmente em fins individuais ou coletivos. E quando isto acontece, são minados os **valores humanos** essenciais. *Ohomo sapiens* deforma-se e torna-se uma espécie de **homo oeconomicus** - num sentido menor - individualista, calculista e dominador. Esquecemos que, sendo criados à imagem e semelhança de Deus, somos seres sociais, criativos e solidários, com uma imensa capacidade de amar. Com frequência esquecemo-nos disto. De facto, **somos os seres mais cooperadores entre todas as espécies, e florescemos em comunidade**, como se pode ver na experiência dos santos. Há um ditado espanhol que me inspirou esta frase, que reza assim: Florescemos *en racimo, como los santos*. Florescemos

em comunidade como se vê na experiência dos santos.

Quando a obsessão de possuir e dominar exclui milhões de pessoas dos bens primários; quando a **desigualdade** económica e tecnológica é tal que dilacera o tecido social; e quando a dependência do progresso material ilimitado ameaça a **casa comum**, então não podemos ficar a olhar de braços cruzados. Não, isso é desolador. Não podemos ficar a olhar! Com os olhos fixos em Jesus (cf. *Hb* 12, 2) e com a certeza de que o seu amor opera através da comunidade dos seus discípulos, devemos agir em conjunto na esperança de gerar algo diferente e melhor. A **esperança cristã**, enraizada em Deus, é a nossa âncora. Sustenta a vontade de partilhar, fortalecendo a nossa missão como discípulos de Cristo, que partilhou tudo connosco.

Isto foi compreendido pelas primeiras comunidades cristãs, que, como nós, viveram tempos difíceis. Conscientes de formar um só coração e uma só alma, punham todos os seus bens em comum, dando testemunho da abundante graça de Cristo sobre eles (cf. *At* 4, 32-35). Nós estamos a viver uma crise. A **pandemia** pôs-nos todos em crise. Mas recordai-vos: de uma crise não se pode sair iguais, ou saímos melhores ou saímos piores. Eis a nossa opção. Depois da crise, continuaremos com este sistema económico de injustiça social e de desprezo pelo cuidado do meio ambiente, da criação, da casa comum? Pensemos nisto. Que as comunidades cristãs do século XXI

recuperem esta realidade – o cuidado da **criação** e a **justiça social**: caminham juntas - dando assim testemunho da Ressurreição do Senhor. Se cuidarmos dos bens que o Criador nos concede, se partilharmos o que possuímos para que não falte nada a ninguém, então de facto podemos inspirar **esperança** para regenerar um mundo mais saudável e mais justo.

E para terminar, pensemos nas

crianças. Lede as estatísticas: quantas crianças, hoje, morrendo de fome devido à **má distribuição** das riquezas, a um sistema económico como disse acima; e quantas crianças, hoje, não têm direito à escolarização, pelo mesmo motivo. Que esta imagem, das crianças necessitadas, com **fome** e com falta de **escolarização**, nos ajude a compreender que desta **crise** devemos sair melhores. Obrigado.

Resumo da catequese do Papa Francisco

NESTE TEMPO DE INCERTEZA E ANGÚSTIA, convido a todos a acolherem o dom da esperança que vem de Cristo: Ele ajuda-nos a atravessar as águas tumultuosas da doença, da morte e da injustiça. A pandemia pôs a descoberto e agravou os problemas sociais, sobretudo a desigualdade. Se uns podem trabalhar a partir de casa, isto é impossível para muitos outros. Se alguns alunos podem, por entre dificuldades, continuar a receber uma formação escolar, esta foi bruscamente interrompida para muitos outros. Se umas nações possuem recursos financeiros para enfrentar a emergência, outras, para o conseguir, têm de hipotecar o futuro. Esta desigualdade é fruto dum crescimento que prescinde dos valores humanos fundamentais. O chamado *homo sapiens* tornou-se uma espécie de *homo aëconomicus* – em sentido pejorativo – individualista, calculista e dominador: quer possuir e dominar os seus irmãos e irmãs, a natureza e o próprio Deus, insurgindo-se contra o seu desígnio criador. Mas, quando a obsessão de possuir e dominar exclui milhões de pessoas dos bens primários, quando a desigualdade económica e tecnológica é tal que dilacera o tecido social, então não se pode ficar parado a olhar. Com os olhos fixos em Jesus e com a certeza de que o seu amor atua através da comunidade dos discípulos, devemos agir juntos com a esperança de gerar algo de diferente e melhor. A esperança cristã, radicada em Deus, é a nossa âncora. Ela sustenta a nossa vontade de partilhar, como discípulos de Cristo que tudo partilhou connosco.

o Covid-19: não basta limar os dentes do lobo

NO QUE RESPEITA AO COVID-19, tudo gira à volta do vírus e do que a ele se refere, até no que toca à vacina, que todos buscam desenfreadamente. Tudo isso é importante e há que fazê-lo, mas não com esta visão reducionista que vai prevalecendo sobre tudo o resto. O vírus é considerado em si, isoladamente, fora de qualquer contexto. Ora, isso não existe nem na ciência nem no novo paradigma, cuja afirmação axial é afirmar que tudo está relacionado com tudo e que nada existe fora desta relação, nem sequer o coronavírus. São pouquíssimos os analistas e epidemiologistas que se referem à natureza. E, no entanto, usando as palavras do físico quântico e um dos mais respeitados ecologistas do mundo, Fritjof Capra:

”A pandemia é uma resposta biológica do planeta: o coronavírus deve ser visto como uma resposta biológica de Gaia, o nosso planeta vivo, à emergência social e ecológica que a humanidade criou para si própria. A pandemia emergiu de um desequilíbrio ecológico e tem consequências dramáticas, devido às desigualdades sociais e económicas; a justiça social torna-se uma questão de vida ou de morte durante uma pandemia como a do Covid-19; só poderá ser superada mediante ações coletivas e cooperativas” (FSP 12/8/2020).

Vamos dizê-lo diretamente, com palavras nossas: o Covid-19 é consequência de um tipo de sociedade que criamos nos últimos séculos, e que ganhou hegemonia mundial sob o nome de sistema de produção capitalista na sua versão política,

o neoliberalismo e a cultura do capital. A obsessão deste sistema (na China chama-se-lhe, erroneamente, socialismo à chinesa, quando, na realidade, se trata de um capitalismo feroz e ditatorial de Estado) é colocar o lucro acima de tudo, acima da vida, acima da natureza, acima de qualquer outra consideração. O seu ideal é um crescimento ilimitado de bens materiais, no pressuposto de que, na Terra, existem bens e serviços também ilimitados. O papa, na sua encíclica “sobre o cuidado da Casa Comum”, dá a este pressuposto o nome de “mentira” (n.106). Um planeta finito não suporta um projeto de crescimento infinito.

Para alcançar este objetivo falso e mentiroso, um sistema assim ataca a natureza, desfloresta, contamina solos e ares, devasta ecossistemas inteiros para expandir o agronegócio, extrair riquezas naturais, dispor de mais proteínas animais, mais produtos alimentares como a soja e o milho e, deste modo, aumentar o lucro pessoal ou o das grandes empresas.

Esta agressão sistemática teve de enfrentar a represália da Terra-Gaia: o surgimento do aquecimento global, os eventos extremos e, principalmente, uma gama diversificada de vírus mortais. Estes vírus viviam tranquilos na natureza, num animal ou nas árvores. Mas, como a guerra desencadeada contra a natureza destruiu o seu habitat, para sobreviver, passaram para outros animais ou, diretamente, para os seres humanos.

Agora, estão a fazer cair por terra o sistema de acumulação infinita de riqueza e, especialmente, a máquina de morte criada pelas armas químicas, biológicas e nucleares, que de nada servem no ataque a

este vírus. Ele é mínimo, quase invisível, o seu tamanho é de cento e vinte e cinco nanomilímetros.

Resumindo a história: o vírus vem da natureza (é discutível se vem do morcego, do mamífero pangolim ou do rato bambu, pouco importa, todos eles são seres da natureza). Eis o verdadeiro contexto do Covid-19: o sistema de produção capitalista mundial e chinês, do qual poucos falam, muito menos as redes sociais e televisivas que acompanham vinte e quatro horas por dia o desenrolar da tragédia humanitária que dizima milhares de vida.

Mas, se conseguirmos uma vacina que anule os seus efeitos malignos e elimine o Covid-19, ficaremos, porventura, nós com a certeza de ter eliminado o vírus maior: o sistema, produtor da devastação da natureza e, consequentemente, a libertação de mais vírus? É esta a questão central, para não se voltar, simplesmente, ao estado anterior, situação horrível para a grande maioria das pessoas e para o equilíbrio da Terra.

Estamos quase a ultrapassar as nove fronteiras planetárias, sem as quais a vida não se perpetua no planeta. Quatro delas foram já ultrapassadas: o abuso do solo, as mudanças climáticas, a destruição da biodiversidade e a alteração do nitrogénio. Ultrapassando as restantes (solidificação dos oceanos, alterações no uso da água, degradação da camada de ozono, aquecimento global e a poluição química), o sistema-vida entrará em colapso e, com ele, a nossa civilização.

Há ainda mais um dado que deve ser tomado na devida conta: no dia 22 de agosto de 2020 ocorreu a Sobrecarga da Terra (*Earth Shoot Day*). O que significa o seguinte: a despenha da Terra, onde estão guardados todos os insumos renováveis para a reprodução da vida, ou seja, a combinação de todos os fatores de

produção diretos e indiretos, ficou esgotada. Teremos menos solos férteis, menos safras, menos climas adequados, menos água, menos nutrientes, menos ar puro, mais solos com fertilizantes etc. Devido à cultura capitalista de consumo sem limite, já consumimos um planeta inteiro e um pouco mais da metade de outro que não existe (1,6). A Terra entrou no sistema de cheque especial, ou seja, um crédito automático dos bancos a clientes sem saldo disponível, e todos os sinais vermelhos dispararam. Pelo facto de não queremos diminuir o consumo (para muitos, sumptuoso), mas de o fazer crescer ainda mais (consumismo), arrancamos à força, da Terra, aquilo que ela já não tem. Como consequência de tudo isto, haverá mais gente a enriquecer com todas estas carências, grande parte da população vai passar fome, por não ter acesso aos mínimos necessários à vida. E a Terra não fica indiferente; acusa o golpe e autodefende-se, enviando-nos tufões, tempestades, tsunamis e as suas armas: a gama de vírus letais.

O Covid-19 é uma resposta da Terra viva e um sinal que ela nos está a dar; é por isso que, desta vez, atacou o planeta inteiro e não apenas algumas das suas regiões, como antes sucedeu com o ébola, o SARS (2002) e outros. Temos de encarar o Covid-19 como um dos derradeiros sinais que a Mãe Terra nos envia. É ela que nos avisa:

“Ou deixais de me superexplorar, violentamente, ou poderei enviar-vos mais vírus ainda, mesmo aquele que os vossos biólogos mais temem, o “Big One”, terrível e inatacável por nenhuma vacina nem por outro meio qualquer; dizimar-vos-á como espécie humana; considero que tal gesto me irá fazer sofrer muito, mas é este o justo castigo que mereceis por terdes durante séculos, ininterruptamente,

desencadeado uma guerra contra a vida da natureza, e nunca terdes amado e cuidado de mim, vossa Mãe, que sempre vos deu em abundância tudo o que precisastes para viver; de nada adianta limardes os dentes do lobo, isto é, o sistema devastador que criastes; não é com isso que ele vai perder a sua ferocidade natural; continuará a sua obra de morte, aquilo a que dais o nome de antropoceno e de necroceno; tendes de fazer, como disse o meu enviado e profeta papa Francisco, “uma radical conversão ecológica”: colher de mim aquilo de que precisais e não mais, fazer que todos tenham o suficiente e decente para viver com um mínimo de dignidade, e dar-me tempo para que me possa autorregenerar, e continuar a ser a Mãe que vos alimenta a vós e aos vossos descendentes; para isso, tendes de reduzir o consumo, reutilizar o já usado, e reciclar o que já não serve, pois pode ser útil para outra coisa e, principalmente, reflorescer todo o planeta, pois são as minhas amadas filhas, as árvores, que removem da atmosfera o carbono que vocês para lá lançam, e que, através da fotossíntese, produzem o oxigénio que respiramos, e que mantêm sempre a água no solo, um bem vital, comum e insubstituível, e não uma mera mercadoria; estabelecer entre vós relações de cooperação e não de concorrência, de empatia e não de insensibilidade, e superar as profundas desigualdades sociais que criastes, no afã de acumulardes riqueza nas mãos de uns poucos, deixando os vossos irmãos e irmãs padecerem fome e todo o tipo de necessidades, e morrerem antes do tempo; deste modo, renovaremos o contrato natural estabelecido entre nós e que vós rompistes, um contrato de mútua relação de cuidado e de colaboração, e poderemos empreender, juntos, uma trajetória feliz, à luz benfazeja do grande filho, o Sol; ganhai juízo e sabedoria,

porque, sem isso, ireis engrossar o cortejo rumo à sepultura que cavastes para vós mesmos; lembrai-vos de que não existe, apenas, o capital natural e material que explorastes até quase ao seu esgotamento; existe, principalmente, o capital humano-espiritual, feito de amor incondicional, de solidariedade, de compaixão e de abertura de uns para com os outros, sem discriminação, e com abertura a todas as coisas, até ao Infinito de mil nomes, Deus que criou tudo com amor, que não odeia nenhum ser que criou, e é o amante apaixonado da vida; abri-vos a Ele, para vos tornardes mais humanos, sensíveis, cuidadores da natureza e de mim mesma, e para conferirdes um novo e maior sentido às vossas vidas; se assim procederdes, teremos um destino comum bem-aventurado, e um mundo aberto para um futuro bem melhor.”

Ou escutamos estas advertências da Mãe Terra e da natureza, da qual somos parte, e criamos as bases de uma civilização centrada não no lucro, mas na vida – uma biocivilização – e uma ECONOMIA em sintonia com a ECOlogia, ou então, preparemo-nos para o pior.

Há quem diga que o ser humano aprende com a história. Acho que não aprende nada da história, mas que tudo aprende do sofrimento. Todos estamos a sofrer com o isolamento social e o distanciamento de grupos. Que esse sofrimento não seja em vão. Que não seja o sofrimento de um moribundo, mas o sofrimento do parto de uma Terra, amada e cuidada como Mãe boa e generosa, ela que é, de facto, a única Casa Comum que temos, na qual todos podemos e devemos caber, a natureza inclusive.

LEONARDO BOFF é ecoteólogo, filósofo.
<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultural/O-Covid-19-nao-adianta-so-limar-os-dentes-do-lobo/52/4858>